

NOTÍCIAS SOBRE A EXPERIÊNCIA DO TEMPO: A ESCRITA DA HISTÓRIA EM GUSTAVO BARROSO

Erika Morais Cerqueira¹

Resumo

O presente artigo analisa algumas das ideias do intelectual Gustavo Barroso referentes à historiografia. O objetivo é recuperar observações relativas a exercício de escrita da história em sua obra historiográfica. A abordagem focaliza a tensão em seu discurso entre a permanência de fragmentos da concepção de *historia magistra vitae* e a vigência de uma visão moderna de história.

PALAVRAS-CHAVE: Gustavo Barroso; historiografia; conceito de história.

Abstract

News about the Time's Experience: Historiographical Exercise in Gustavo Barroso

This article examines Gustavo Barroso's intellectual ideas regarding historiography. The objective is to recover some aspects about the historiographical exercise in his work. This approach focuses on the tension in his discourse between the remaining fragments of conception of *historia magistra vitae* and the existence of a modern view of history.

KEY-WORDS: Gustavo Barroso; historiography; history concept.

Destaca-se entre a intelectualidade das primeiras décadas do século XX o nome de Gustavo Barroso (1888-1959), e, atualmente, essa proeminência se estende às letras e à política. Durante sua vida profissional atuou como advogado, professor e escritor. Também foi membro de instituições consagradas tanto no campo das letras, como na Academia Brasileira de Letras, quanto na área da história, como no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, na Royal Society of Culture, de Londres, e na Academia Portuguesa de História. Tais participações, além de serem provas concretas da abrangência de sua obra em diversas áreas do conhecimento, também são indicativos da distinção social e da importância de que o autor gozava na época.

Envolvido com questões ligadas ao folclore nacional e partícipe de grupos ligados ao integralismo, alcançou visibilidade no cenário político e intelectual do período, o que pode ser percebido em suas inúmeras publicações, tanto sob a forma de livros quanto sob a forma de artigos. Considerado um intelectual de prestígio, esteve à frente de jornais e revistas respeitados em âmbito nacional, atuando como diretor e redator em alguns deles, como, por

¹ Mestranda em História pela Universidade Federal de Ouro Preto, sob orientação da Prof^a Dr^a Helena Miranda Mollo, financiada pelo REUNI. E-mail: erika_mcerqueira@hotmail.com.

exemplo, a *Revista Fon-Fon*, o *Jornal do Commercio* e o *Jornal do Ceará*. Verifica-se em sua trajetória um envolvimento com correntes diversas de pensamento, que acabaram por motivar ações concretas no Museu Histórico Nacional e na Academia Brasileira de Letras. O escritor foi incansável na produção bibliográfica, de forma que se verifica ao fim de sua vida a publicação de aproximadamente 128 livros, versando sobre temas variados como a história, o folclore e a política.

A análise que ora se empreenderá procura refletir sobre a concepção de história presente na obra desse importante intelectual do início do século XX. O estudo está dividido em duas partes: a primeira apresenta o artigo “O culto da Saudade”, que, acreditamos, resume a experiência do tempo; e a segunda parte, por sua vez, intenta discutir as nuances que compõem tal concepção, sobretudo no que se refere à suposta permanência de uma visão da história como *magistra vitae* relacionada aos elementos da moderna crítica histórica. Por fim, esperamos comprovar que a recorrência ao aspecto educativo da história não significa a vigência do antigo *topos* da *historia magistra* na obra barroseana e tampouco a existência dessa experiência antiga de história, mas sim de que elementos dessa realidade continuam vigentes como fragmentos, convivendo, de certa forma, com uma prática moderna de investigação histórica.

O vício do amor ao passado

O descaso pelas nossas tradições vai se tornando um crime imperdoável (...).²

“O Culto da Saudade”, artigo publicado por Gustavo Barroso no *Jornal do Commercio* em 1912,³ é um projeto político e historiográfico que propõe uma relação afetiva com o passado, por meio da valorização do patrimônio histórico e da memória nacional. A preocupação com a tradição, conforme se observa na epígrafe acima, é o mote primordial do artigo e reflete sua proposta romântica.

A preservação do patrimônio material e imaterial é constante. Para o autor, tanto os objetos quanto os hábitos são constitutivos da história nacional e, portanto, devem ser

² BARROSO, Gustavo. “O Culto da Saudade”. In: *Anais do Museu Histórico Nacional*, Vol. 29. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1997, p. 32.

³ 1ª edição: *Jornal do Commercio*, 22 de dezembro de 1912; 2ª edição: BARROSO, Gustavo. *Ideias e Palavras*. Rio de Janeiro, Leite, Ribeiro e Maurílio, 1917, pp. 33-36; 3ª edição: BARROSO, Gustavo. “O Culto da Saudade”. In: *Anais do Museu Histórico Nacional*, Vol. 29. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1997.

protegidos das alterações inerentes ao transcurso do tempo. A valorização do patrimônio se associa à questão da identidade nacional na obra barroseana por duas vias; se por um lado é visto como fundamental para garantir um sentimento de pertencimento a uma coletividade, por outro, a vigência de costumes estrangeiros é um indício da sua pouca importância para os contemporâneos do autor:

Nunca se viu tanto desamor. O que se dá com os objetos históricos verifica-se com os costumes tradicionais das regiões, das cidades e dos bairros. Só uma coisa se mantém perpétua e imutável: o carnaval, que não é autóctone. O mais morre a pouco e pouco. Até os cordões desaparecem.⁴

A defesa do nacional se mantém ao longo do texto, entremeada com a denúncia do descaso para com nosso patrimônio. No afã de restabelecer as “festas que os ascendentes nos legaram”,⁵ Barroso cita as cidades europeias como exemplos de locais que vivificam seu passado, promovem cortejos históricos e, portanto, realizam o culto à saudade.

A evocação do pretérito naquelas ruas (...) é completa e magnífica. (...) onde as ruínas dos castelos se conservam como monumentos nacionais. É a história da terra mãe, que desfila aos seus olhos, escrita e revivida no ferro do soldado, no veludo dos gibões fidalgos, nos arneses dos cavaleiros e no cajado nodoso dos pastores. (...) A multidão respeitosa olha o passado desfilar.⁶

A fixação pelos objetos, pela capacidade que possuem de simbolizar o ocorrido, e, ainda, pela pretensa possibilidade de trazerem o acontecido de volta à vida, é uma constante em Barroso. A citação anterior é reveladora de sua importância como vestígios materiais do pretérito e nela verifica-se também que história é definida menos como um campo do conhecimento do que como possibilidade de reviver o passado. O ponto-chave na citação é a aproximação que o autor faz entre a história e relíquia,⁷ sendo que a segunda possui a

⁴ BARROSO, Gustavo. *O Culto da Saudade*, op. cit., p. 32.

⁵ Idem, *Ibidem*.

⁶ Idem, *Ibidem*, p. 33.

⁷ O termo “relíquia” é empregado no presente estudo a partir da perspectiva exposta por David Lowenthal em *The past is a foreign Country*; no entanto, há outros trabalhos que também investigam o tema e possuem certa relação com a proposta desta pesquisa. Neste aspecto é interessante analisar a categoria coleção definida por Krzysztof Pomian, em seu verbete *coleção*, publicado na enciclopédia Einaudi. Pomian define coleção como conjunto de objetos semióforos, desprovidos de seu valor de utilidade e voltados para mediar a relação entre o visível, vestígios materiais, e o invisível, o passado morto. Segundo o autor, relíquia é um objeto que se crê que tenha estado em contato com um deus ou um herói, ou que seja tomado como vestígio de qualquer grande acontecimento do passado mítico ou simplesmente longínquo. Portanto, tais relíquias são possuidoras de uma aura sagrada por terem tido alguma função específica num determinado passado e, assim, são escolhidas para a

capacidade de descortinar a primeira; em outras palavras, as relíquias oferecem um acesso direto ao passado. Nesse sentido, por serem fragmentos do passado, as relíquias – melhor do que a história e a memória – podem fazer “o passado desfilar”.⁸

A insistência pela manutenção das comemorações cívicas também pode ser percebida como um mecanismo para manter o passado mais próximo, pois traduz a ideia de que, em tais momentos, é como se a história fosse “(...) se repetindo com essas festas, nas cores, nos costumes, nos aspectos (...)”.⁹ Assim, o passado e todos os artifícios que poderiam ser empregados para conectá-lo ao presente deveriam ser estimulados e, no caso brasileiro, essa prática parecia estar distante do esperado pelo autor, pois, após listar cidades e comemorações cívicas europeias, Barroso apresenta seu lamento diante da realidade brasileira, destaca a ausência de políticas voltadas para a preservação do patrimônio e denuncia o abandono das cidades históricas:

Nada disto temos. Oiro Preto, ninho de tradições e glórias, derroca-se, esboroa-se. (...) A festa que ali se realizou, relembrando a conjura mineira, quase ninguém compareceu. Olinda enche-se de capim. Na remodelação da Bahia, nada se poupou. No Rio, todas as tradições se apagaram. O passado não merece consideração.¹⁰

Na visão do museólogo, o descaso para com o passado nacional parece ser indício do caráter espúrio do povo brasileiro, de uma completa desobrigação para com aqueles que construíram a nação. Observa-se, em sua exposição, não apenas certa preocupação em relação à preservação do patrimônio, como também um receio diante do desenvolvimento das cidades. Verifica-se que, para o autor, os monumentos deveriam ser mantidos inalterados, embora a industrialização parecesse exigir modificações na estrutura urbana que acabariam por alterar ou mesmo eliminar as construções originais. O novo ritmo das cidades impedia o apego aos rituais do passado, e Barroso parecia querer deter o tempo ao impor regras de conservação do passado material e imaterial.

Mais do que uma tentativa de salvar as “velhas usanças”,¹¹ *O Culto da Saudade* deve ser compreendido como a expressão da experiência de tempo para o autor, ou seja, o conceito

eterna lembrança. Cf: POMIAN, K. *Coleção*. In: ENCICLOPÉDIA EINAUDI. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, V. I, 1984.

⁸ BARROSO, Gustavo. *O Culto da Saudade*, op. cit., p. 33.

⁹ Idem, *Ibidem*, p. 34.

¹⁰ Idem, *Ibidem*.

¹¹ Idem, *Ibidem*, p.32.

que perpassa sua produção histórica, museológica e literária. O artigo pode ser lido como um projeto em que são apresentadas as iniciativas destinadas a trazer o passado para perto do presente, materializá-lo e experienciá-lo como se estivesse ainda ocorrendo. Segundo tal proposta, o passado se colocaria na textura da vida contemporânea, se tornaria mais real que o próprio presente, estaria onipresente por meio de relíquias, histórias e memórias que inundariam a experiência dos espectadores.

O Culto da Saudade informa sobre um indivíduo que se sentia exilado de seu próprio tempo, revela um autor desesperado para escapar do presente que, a fim de proteger-se da devastadora mudança trazida pela modernidade, refugiou-se nas lembranças e imagens dos tempos anteriores. A fuga da realidade em busca de um passado idílico foi temática orientadora de uma produção que perdurou por décadas. A concepção de história, presente nessas diversas atividades empreendidas por Barroso, é o que será discutido adiante.

História: fonte de ensinamento – rigorosamente conduzida

“A história de nossas guerras externas é uma floresta de exemplos e um inesgotável manancial de ensinamentos que ainda não exploramos como devíamos. Campanhas variadas ao Norte e ao Sul, implicando no uso de recursos diversos em meios deferentes. Concentração e preparo de elementos. Transportes por água e por terra. Manutenção de difíceis e longas linhas de comunicação e abastecimento. Improvisações extraordinárias. Exploração hábil de vantagens. Luta contra forças irregulares e regulares. Guerras de usura e de posição, de movimento, de recursos. Retiradas estratégicas. Marchas de flanco. Desdobramentos. Rompimentos. Envolvimentos. Todas as modalidades da tática e da estratégia.”¹²

Como se observa na citação, a história, para Barroso, possui a capacidade de ensinar. Trata-se de um conjunto de exemplos capaz de orientar as gerações futuras a partir do relato das atividades de seus antecessores. Alguns aspectos dessa observação podem situá-la junto à concepção antiga da história como *mestra da vida*. Para desenvolver essa questão utilizaremos as análises de Reinhart Koselleck¹³ sobre esse antigo *topos*, sua natureza e características essenciais.

A fim de dar sequência à investigação, vamos introduzir dois livros de autoria de Gustavo Barroso: *Nos Bastidores da História do Brasil*¹⁴ e *História Militar do Brasil*.¹⁵

¹² BARROSO, Gustavo. *Esquematização da história militar do Brasil. Anais do Museu Histórico Nacional*, Vol. 3. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1942, p. 427. (grifo nosso)

¹³ KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado. Contribuição à semântica dos tempos históricos*. Trad. De W. P. Maas e Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Editora PUCRio: Contratempo, 2006.

Acreditamos que a análise se tornará mais profícua se ampliarmos o número de fontes, de forma a incluir um maior número de obras do autor, na expectativa de que, assim, possamos produzir um estudo mais completo e abrangente sobre a concepção de história na obra barroseana.

Na primeira parte do presente estudo, verificamos que o *Culto da Saudade* pode ser percebido como o conceito orientador da proposta historiográfica, museológica e política de Gustavo Barroso. Agora pretendemos avançar nessa questão de forma a compreender como Barroso percebeu o seu próprio tempo, como o qualificou e como se posicionou frente às suas demandas. Esperamos entender, principalmente, as raízes do método empregado pelo historiador na elaboração de sua obra.

Por uma história pedagógica

Observamos, em Barroso, uma visão ética e pedagógica da história que, à primeira vista, o aproxima de uma concepção antiga de história, expressa por Cícero como *historia magistra vitae*, em que os exemplos do passado serviam como fonte de orientação para os homens do presente.¹⁶ Esse antigo *topos*, extensamente discutido por Reinhart Koselleck, se caracterizou principalmente por um tempo homogêneo, circular, em que a possibilidade de repetição dos eventos passados tornava a história fonte de exemplaridade.

A história, para Barroso, é concebida como fonte de ensinamento e orientação para aqueles que dela se aproximam. A crença de que os eventos passados podem levar os homens do presente a um aperfeiçoamento moral é tema recorrente nas publicações do autor, presente, principalmente, nas biografias, nas quais os relatos edificantes das grandes personalidades da história forneciam modelos de conduta. A importância do passado parecia notória:

¹⁴ BARROSO, Gustavo. *Nos Bastidores da História do Brasil*. São Paulo: Melhoramentos, s/d.

¹⁵ BARROSO, Gustavo. *História Militar do Brasil*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 1938.

¹⁶ “A concepção antiga de história é aquela (...) onde podem ser reunidos exemplos, histórias excepcionais, extraordinárias, exemplares, em suma, capazes de fornecer orientação e sabedoria a todos os que dele venham a se aproximar.” (p. 29) E ainda: “Esta formulação supõe uma crença na unidade essencial do gênero humano, único argumento capaz de validar a organização da história como se ela fosse um palco no qual um conjunto aberto, mas altamente selecionado de cenas, sem uma articulação necessária entre si, seria continuamente representado em prol do aperfeiçoamento político e moral dos seus espectadores. Um procedimento como este vai envolver indubitavelmente a história com a tradição e com a memória coletiva, numa associação que praticamente desconhece a diferença entre o passado e o presente e mantém o futuro sob o mais estrito controle.” Cf: ARAUJO, Ricardo Benzaquen de. *Ronda Noturna: Narrativa, crítica e verdade em Capistrano de Abreu*. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro. N. 1. 1988, p.29

Nossa geração é a que até agora mais tem pousado os olhos no passado, batalhando por ele, estudando-o, ressurgindo-o, tornando-o interessante e estimado. Modéstia à parte é um título de orgulho legítimo. **E não é saudosismo doentio, mas amor do que foi como conquista do espírito nacional e lição para o que há de vir.**¹⁷

Se a capacidade de aprender com a história o situa junto à concepção antiga, outros aspectos de sua obra, no entanto, o distanciam desse postulado. Acreditamos que a principal divergência entre a obra barroseana e o velho *topos* esteja ligada à ideia de repetição. Para a *historia magistra*, a repetição dos fatos é o que torna possível o aprendizado com a história; em outras palavras, é somente dentro da perspectiva de um tempo circular, em que os fatos se repetem continuamente, que o aprendizado torna-se possível.

Em Barroso, entretanto, não percebemos a circularidade do tempo e tampouco a ideia de repetição. Nosso historiador, ao contrário dos antigos, percebe o tempo como profundamente dinâmico, e o futuro é compreendido como diferente do presente e do passado. Observa-se uma concepção de tempo como processo, caracterizado por uma constante diferenciação entre o passado, o presente e o futuro, em que a mudança é percebida como causa de sofrimento. A nostalgia barroseana, ao que tudo indica, está relacionada à compreensão da impossibilidade do retorno do passado.

O futuro – enquanto categoria histórica – pode ser apontado como outro ponto discrepante, e não menos importante, entre a escrita barroseana e a concepção *magistra* da história, pois, enquanto o antigo *topos* pretendia manter o futuro sob o mais estrito controle, em Barroso ele é imprevisível.

O ponto que investigaremos a seguir diz respeito à forma como Barroso experimentou o tempo, o que poderá ser um indício de como e quanto ele teria aderido à concepção antiga (se é que realmente aderiu a ela) e se houve outros postulados teóricos presentes em sua obra. Avançaremos na expectativa de compreender como o autor *harmonizou* concepções diferentes de história.

Uma experiência moderna do tempo

Na análise sobre *O Culto da Saudade* percebemos o descontentamento do autor frente aos seus contemporâneos. Enquanto o passado lhe parecia um tempo idílico, o presente, em contraponto, era visto com profundo incômodo. O pessimismo em relação ao presente é apresentado sob quatro aspectos distintos, mas complementares, a saber: o presente como um

¹⁷ BARROSO, Gustavo. *História Militar do Brasil*, op. cit., p. 125. (grifo nosso)

tempo de mudança; o presente como um tempo curto que nos escapa; o presente como um tempo de transição; o presente como o tempo do esquecimento.

Tais elementos podem ser associados ao processo de modernização que, ao provocar mudanças aceleradas na estrutura das cidades e na escala de valores, fez com que Barroso se sentisse temeroso em relação à contemporaneidade e se refugiasse em um passado idealizado. Essa forma de experimentar o tempo é um indicador de que o autor percebia o tempo como moderno e, embora fizesse objeção às mudanças, não renunciava a essa realidade. A modernidade seria, portanto, o elemento de seu desconforto e, para entendermos melhor essa questão, vamos analisar cada um dos aspectos supracitados.

A percepção do presente como um tempo de mudança pode ser apontada como um indicativo do afastamento em relação à concepção antiga de história. Segundo Hans Ulrich Gumbrecht,¹⁸ a compreensão do tempo como um agente de mudança “dá à inovação o rigor de uma lei compulsória. Doravante, nenhum indivíduo, nenhum grupo e nenhum momento ‘histórico’ têm condições de ser visto como uma repetição de seus predecessores (...)”.¹⁹ Ora, se a noção de repetição seria um fator fundamental para o aprendizado com a *historia magistra*, poderíamos considerar que a presença de um coeficiente de mudança associado ao tempo histórico não implicaria uma espécie de ambiguidade no pensamento barroseano? Antes de fazermos qualquer afirmação mais severa sobre o modelo adotado por Barroso, analisaremos os demais pontos que compõem seu pensamento acerca do tempo histórico.

Ao que tudo indica, não foi apenas a percepção do presente como distinto em relação ao passado a causa do desconforto sentido por Barroso, e tampouco a visão de que as coisas se modificavam com o passar do tempo, mas principalmente a velocidade com que ocorriam tais alterações. A ideia de que se vivia em um período que avançava, em proporção crescente, parecia encurtar o presente, pois as transformações eram tantas e ocorriam com tamanha intensidade, que se podia dizer que ele se tornava saturado de novidades. A sensação era de que o presente era como um tempo curto que nos escapava. Tal sensação, típica do período da Alta Modernidade, foi expressa por Gumbrecht da seguinte forma:

(...) À medida que o tempo histórico parece ser posto em movimento por tantos impulsos convergentes, não é mais possível pensar o presente com um intervalo de

¹⁸ GUMBRECHT, Hans Ulrich. “Cascatas de Modernidade”. In: *Modernização dos Sentidos*. São Paulo: Ed. 34, 1998.

¹⁹ Idem, *Ibidem*, p. 15-16.

continuidade. (...) o presente transforma-se naquele ‘instante imperceptivelmente curto’, naquele lugar estrutural em que cada passado se torna futuro.²⁰

O estreitamento do presente nos remete ao próximo ponto do ideário barroseano, ou seja, a identificação do presente como um tempo de transição, em que o autor verificou o abandono das antigas instituições, a relatividade dos valores e o advento de novas maneiras de pensar e agir. A respeito dessa questão, Koselleck verifica no avanço da modernidade a rapidez com que o presente se separa do passado:

A nova experiência da transição se caracteriza por duas noções especificamente temporais: a diferença de qualidade que se espera para o futuro, e, associada a isto, a mudança dos ritmos temporais da experiência: a maior rapidez com que o tempo presente se diferencia do passado. (...) E o critério dessa mudança encontra-se em um tempo histórico que produz prazos cada vez mais breves (...).²¹

Na obra barroseana, especialmente em *O Culto da Saudade*, que aqui consideramos como o texto síntese da concepção de história para seu autor, o presente é visto como o tempo do esquecimento: “No Rio, todas as tradições se apagaram. O passado não merece consideração.”²² Ao esboçar uma espécie de lamento em relação ao seu próprio tempo, Barroso se mostra, por um lado, nostálgico em relação ao passado e, por outro, assume uma postura agressiva de ataque àqueles que supostamente teriam se esquecido das lembranças de seus predecessores. Em *Nos Bastidores da História do Brasil*, ele acusa seus contemporâneos: “criminosamente vivemos deslembados dum passado honroso e brilhante”.²³

O incômodo diante da perda da memória, ou melhor, de sua substituição pelo esquecimento, pode ser considerado um lugar-comum em um período de avanço da modernidade. Tal sensação pode ser tomada como um efeito provocado por uma característica básica dos tempos modernos, a saber, o desvio do passado e a concentração no futuro. A associação do tempo ao progresso provoca não apenas uma imensidade de alterações, como também, e principalmente, uma concentração no futuro, que por sua vez passa a dispensar a tradição.²⁴ Seria nesse ponto que poderíamos situar a obra barroseana, como uma espécie de

²⁰ Idem, *Ibidem*.

²¹ KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado*, op. cit., p. 288-289.

²² BARROSO, Gustavo. *O Culto da Saudade*, op. cit., p. 34.

²³ BARRORO, Gustavo. *Nos Bastidores...*, op. cit., p. 168.

²⁴ A crença no progresso como característica inerente ao transcurso do tempo e a identificação do futuro como um tempo melhor que o presente nos levam a crer que Gustavo Barroso corroborava a ideia de progresso

trabalho que sofre as mudanças de seu tempo, lamenta a ausência do passado, denuncia o abandono da tradição e propõe soluções a essa situação.

Consciente de que vivia em um tempo acelerado, o autor se colocou na contramarcha dos acontecimentos, ou seja, procurou retardar as mudanças. A criação do Museu Histórico Nacional e a política de aquisição de objetos – em que a antiguidade era um critério para a historicidade dos fragmentos²⁵ – podem ser consideradas como exemplos dessa postura. A produção escrita e a atuação política também podem ser compreendidas como facetas dessa mesma atitude perante o tempo e sua dinâmica que pareciam fazer a história acelerar. Nesse sentido, acreditamos que o conjunto da obra barroseana pode ser tomado como uma tentativa de desacelerar as transformações e reconciliar o presente com o passado.

Os referidos pontos podem ser considerados, em seu conjunto, como formas de experimentar o tempo, pois, ao exprimir impressões que se deram no campo sensível, eles denotam uma forma específica de perceber o tempo. No entanto, a consciência de que vivia em um período que avançava, típica do mundo moderno, não ficou restrita à experiência sensível, mas influenciou também aspectos da vida prática cujos efeitos podem ser observados em toda a dimensão de sua obra. A vigência de um modelo moderno de investigação e escrita da história em Barroso constitui o ponto central da discussão que se segue, em que procuraremos reconstituir as etapas do trabalho historiográfico barroseano e especificar os influxos de sua escrita.

A busca pelo método científico: lugar-comum ou uso efetivo?

No item anterior deste trabalho investigamos a forma como Gustavo Barroso se relacionou com o tempo, como qualificou as categorias históricas de passado, presente e futuro e, enfim, como experimentou o seu próprio tempo. Identificamos uma relação com o tempo que se deu em duas vias: a amargura em relação à contemporaneidade e a busca por

enquanto possibilidade para o aperfeiçoamento humano no tempo, nos moldes da historiografia do século XIX, que atribuía um valor substancial a essa questão.

²⁵ Daryle Willians explica que a lógica da aquisição de objetos no Museu Histórico Nacional obedecia a dois critérios. Em primeiro lugar, os objetos relacionados com o Império e o início da República eram identificados devido à idade como históricos. Tais objetos pertenciam ao passado histórico e, desta forma, o tempo tornava-se critério de sua historicidade. Em um segundo plano, os objetos relacionados com esses períodos evocavam, geralmente, a aura de proeminentes personalidades e importantes eventos do passado brasileiro e eram definidos como históricos por se referirem aos capítulos da história brasileira. Cf: WILLIANS, Daryle. *Sobre patronos, heróis e visitantes: o Museu Histórico Nacional, 1930-1960*. In: *Anais do Museu Histórico Nacional*, Vol. 29. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1997, p. 155.

manter o passado vivo no presente. A partir dos elementos que ora apresentamos, vamos avançar na problematização do que seja o tempo e a escrita da história para seu autor. A hipótese a ser trabalhada nos itens seguintes é de que Barroso utilizasse preceitos da *historia magistra* com o objetivo de conferir autoridade a seu trabalho, o que, no entanto, não significa uma vigência real do *topos* em sua obra, mas sim de que o autor estivesse produzindo a partir de um modelo moderno de escrita da história, aqui esboçado de forma bastante ampla. A seguir procuraremos identificar os possíveis pontos que possam ser associados a esse modelo de investigação e escrita da história.

Acreditamos que a atitude com o futuro seja o principal indício de um afastamento do modelo de história como *magistra vitae* em direção a um modelo moderno na obra barroseana. Para compreendermos essa questão vamos analisar dois dos principais postulados da concepção antiga: as noções de repetição e circularidade do tempo. Tais noções são fundamentais para o modelo antigo, pois, ao pressuporem um futuro em que a história se repete, ao menos estruturalmente, elas acabam por justificar o recurso aos exemplos do passado e, por fim, produzir uma ideia de futuro segundo a qual esse tempo encontra-se atrelado ao passado.

Na obra barroseana, no entanto, não verificamos esses elementos. O futuro, segundo o autor, “resulta dos materiais que nós e todos os que nos antecederam reuniram”,²⁶ o que nos permite inferir que o futuro, para o historiador, é, primeiramente, um tempo que pode ser planejado a partir das realizações do presente; em outras palavras, os feitos de hoje moldam o amanhã. Assim, para Barroso, o futuro não está inexoravelmente atado ao passado; ao contrário, é visto como algo planejável e jamais idêntico ao pretérito. Tais pressupostos nos permitem afirmar que Barroso se aproxima menos de uma concepção antiga que de uma visão moderna da história, afinal na história moderna o futuro é visto como um tempo aberto. Em *Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*, Koselleck afirma que a capacidade de influenciar o futuro seria a principal característica do homem moderno.²⁷ A citação que utilizaremos a seguir, embora um tanto longa, é imprescindível para analisarmos as questões propostas:

²⁶ BARROSO, Gustavo. *A cidade sagrada*, op. cit., p. 12.

²⁷ Esta questão também é discutida por Hans Ulrich Gumbrecht, que, em seu livro *Modernização dos Sentidos*, caracteriza a Modernidade por duas vias: primeiro por apresentar um presente que se torna progressivamente curto e por um futuro que se mostra como um horizonte aberto, que podemos modelar e escolher em cada presente.

Na efervescência das ideias e lutas modernas, no corre-corre, na lufa-lufa, no vaim desta prodigiosa época de aviões e radiotelegrafia, a palavra passado provoca quase sempre um risinho de mofa. Mas a pressa dos dias atuais, as necessidades decorrentes da existência moderna não matarão nunca o passado, porque ele é a essência das coisas humanas. É o saber acumulado, é a experiência ganha, é o caminho feito é o que há-de verdadeiramente conquistado. O presente escapa à relatividade do nosso conhecimento. Ainda bem não é e já deixa de ser. E o futuro resulta dos materiais que nós e todos os que nos antecederam reuniram. O desprezo do passado seria mais do que ingratidão, porque seria inconsciência. Por ele é que, na premissa positivista, os mortos governam os vivos. E por isso um luminoso espírito francês aconselha guardar carinhosamente as tradições, porquanto elas, parece, nos prolongam a nós mesmos, como que nos ligando mais intimamente, tanto aos homens que morreram como aos que ainda hão-de vir.²⁸

Podemos identificar, nesse fragmento, definições do autor a respeito de cinco questões sobre as quais ora nos debruçamos, a saber: o passado, o presente, o futuro, a noção de tradição e, com menor evidência, a questão da identidade. Em primeiro lugar, o autor reitera a importância do passado frente às demandas da vida moderna; em outras palavras, o pretérito é a fonte de orientação para a vida e a história. Novamente, o presente é desqualificado como um tempo curto e impossível de ser apreendido em sua totalidade, pois, devido à constante mutação da vida moderna, ele se torna efêmero e instável. O futuro, por sua vez, é apresentado como uma continuidade do passado, que pode ser esculpido pelas ações pretéritas, tornando-se um território conhecido e seguro. A categoria tradição é definida como o elo entre o passado e o futuro, algo que demarca as particularidades de um povo e o prolonga no tempo, associando-se, em última instância, à problemática da identidade nacional.

Ainda na esteira das reflexões propostas por Koselleck e Gumbrecht, empreenderemos a seguir uma análise sobre as particularidades do método investigativo adotado por Barroso, bem como sobre as especificidades de sua escrita histórica. O critério que norteia sua produção, e eventualmente de boa parte dos historiadores, é o da verdade histórica, que na sua obra relaciona-se ao número e à natureza dos documentos, conforme se observa na citação a seguir:

A **verdade verdadeira** é que não se pode afirmar qual a data da fundação da cidade em face dos **documentos** até agora conhecidos e publicados. O mistério permanecerá enquanto se não encontrar um **testemunho sério** que autorize uma afirmação definitiva, categórica.²⁹

²⁸ BARROSO, Gustavo. *A cidade sagrada*, op. cit., p. 12–13.

²⁹ BARROSO, Gustavo. *Nos Bastidores da História do Brasil*, op. cit., p. 39. (grifo nosso)

O fragmento citado é parte de uma investigação empreendida pelo autor sobre a fundação da cidade de Salvador e pode ser considerado valioso para este estudo por três vias. Em primeiro lugar, porque ele é apresentado ao final de uma explanação sobre as diversas hipóteses a respeito da data de fundação da cidade e, nesse caso, leva a crer que, embora tenha pesquisado em minúcias o assunto, o rigor de seu trabalho como historiador o impede de aderir a qualquer uma das correntes, pois as informações não podem ser comprovadas mediante a documentação encontrada. Dessa forma, a citação é empregada como um *grand finale*, espécie de ápice da investigação, o que insinua uma preocupação em conferir credibilidade a seu trabalho mediante uma crítica severa. Em um segundo plano, mas não menos importante, considera-se que, por ter sido introduzida na primeira parte do livro, a citação indica um método de trabalho que orienta toda a obra. Por último, o fragmento nos leva a questionar qual seria esse testemunho sério a que o historiador se refere, pois ele representa o acesso à “verdade verdadeira”.

A busca da verdade histórica, segundo Barroso, nos conduz ao próximo ponto de seu método, que também pode ser identificado na obra *Nos Bastidores da História do Brasil*: a imparcialidade e a objetividade no tratamento dos documentos. Segundo o autor: “A história, felizmente, não se faz com calúnias e graçolas, mas sim com fatos, documentação e depoimentos sinceros.”³⁰ A citação nos permite inferir que, para Barroso, a verdade dos fatos, para ser alcançada, necessita, em primeiro lugar, de uma postura do historiador, que para encontrá-la deve recorrer à documentação e a depoimentos verídicos. Novamente, deparamos com a questão do testemunho como chave de acesso à verdade.

Se os aspectos analisados anteriormente situam nosso autor junto ao modelo moderno de história, a organização de seus textos e a escrita em forma de narrativa corroboram a afirmação. A discussão que se segue busca compreender a relação entre a escrita narrativa e o modelo moderno de história. Para tanto, utilizaremos como principal referência o trabalho de Ricardo Benzaquen de Araújo intitulado *Ronda Noturna*,³¹ em que o autor explora essas questões na obra do historiador Capistrano de Abreu.

Em Gustavo Barroso observamos a tendência à narrativização de forma mais contundente nas biografias,³² pois nelas as personagens são apresentadas desde o nascimento,

³⁰ Idem, p. 217.

³¹ ARAUJO, Ricardo Benzaquen de. *Ronda Noturna: Narrativa, crítica e verdade em Capistrano de Abreu*. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro. N. 1. 1988. p. 28-54.

passando pelas importantes etapas de iniciação e aprendizado, culminando nas cenas de batalha em que são consagradas e encerrando suas trajetórias com a morte. Essa última é descrita não como o fim da história, mas sim como uma abertura para a eternidade, de forma que a narrativa se prolonga imaginariamente. Na mesma linha, verificamos nos textos históricos a preocupação em estabelecer uma cronologia, de forma que possam ser lidos como uma narrativa. Nos trabalhos sobre história militar, por exemplo, as etapas que antecedem a guerra, a preparação para as batalhas, o desenrolar dos combates e as derrotas e vitórias são apresentados de forma encadeada objetivando não apenas fazer sentido como também promover certa previsibilidade dos fatos. A proposta é apresentar fatos concatenados com noções e juízos morais.

Segundo Ricardo Benzaquen de Araújo, a narrativa é a forma pela qual os livros escritos a partir de uma concepção moderna de história habitualmente costumam se expressar, forma essa que explicita e dá um relevo ao tempo linear, confirmando sua importância para tal concepção.³³ Ainda segundo o autor de *Ronda Noturna*, uma das características principais da narrativa é a de que ela possui um começo e um fim definidos e articulados entre si, um como que pressupondo a existência do outro:

Se isto é verdade, se o princípio e o fim possuem efetivamente esta importância, é evidente então que o tempo que transcorre entre eles terá que levá-la em consideração, movimentando-se numa direção determinada, para frente, para o futuro, para o final, exatamente como o tempo iluminista (...).³⁴

De fato, a narrativa e o tempo linear que a envolve permitem não só acolher e abrigar os mais distintos eventos, como também os articulam entre si, construindo e associando um conjunto significativo onde havia apenas fatos dispersos. A ideia que permeia a proposta narrativa barroense parece ser a de que seja possível “domesticar” os fatos, em outras palavras, tornar o que antes era um conjunto desordenado de informações em uma sequência de episódios que não apenas fazem sentido, como também conduzem a trama histórica em direção a um final previsível.³⁵ A conclusão do texto, ao assumir um predomínio sobre as

³² Embora o objeto de estudo no presente capítulo não seja a biografia, acreditamos ser válido fazer a distinção – ainda que breve – entre essa modalidade de escrita e os textos históricos de caráter mais investigativo.

³³ Cf. ARAUJO, Ricardo Benzaquen de. *Ronda Noturna...*, Op. cit., p. 42 – 43.

³⁴ Idem, p. 47.

³⁵ Nas palavras de Ricardo Benzaquen de Araújo: “[o discurso narrativo] se move para a frente de maneira absolutamente consistente e ordenada culmina com uma ‘disciplinarização’ do real, direcionando todos os

demais partes, confere uma espécie de tranquilidade ao leitor, pois, ao término da narrativa, todos os elementos parecem fazer sentido e a realidade torna-se completa e ordenada.

Esse ponto nos permite avançar de modo a investigar mais atentamente as relações entre a narrativa e o método crítico; afinal, essa aproximação se dá para além da *vocação disciplinarizadora* da primeira. Se explorarmos um pouco mais a supremacia da conclusão, percebermos que ela complementa, de certo modo, uma das características básicas do método crítico, qual seja, o tempo linear. A narrativa, aqui entendida de forma bastante ampla, também segue o critério de linearidade do tempo, em que os eventos são apresentados em sequência lógica. No entanto, a sucessão de eventos nessa modalidade de escrita tem um fim, o tempo acelerado tem que parar e promover um final com sentido. Nessa perspectiva, a narrativa pode ser considerada uma forma especial de trabalhar o tempo histórico, pois a ideia de produzir um final significativo acaba por afastar o terror que a sensação de imprevisibilidade causa.

Outro ponto a ser analisado na escrita barroseana diz respeito à proposta de escrever a história do tempo presente. Para Barroso, o distanciamento temporal é elemento primordial para a pesquisa histórica, o que pode ser verificado na afirmação que se segue: “a perspectiva do tempo que adoça e azula as asperezas das opiniões, das paixões e dos fatos”.³⁶ Segundo Koselleck, a história só se manifesta depois de um tempo:

(...) constitui um paradoxo aparente que, no horizonte de um tempo de transições aceleradas, a historiografia tradicional do presente tenha-se deparado com crescentes dificuldades, chegando a cair em descrédito entre os historiadores profissionais. Se o distanciamento crescente no tempo aumentava as oportunidades de conhecimento do passado, a história dos eventos do dia a dia perdeu sua dignidade metodológica. A superioridade das testemunhas oculares, antes vista como incontestável (...) passa a ser questionada, porque a história ‘real’ só se manifesta depois de um certo período de tempo: graças à crítica histórica ela se apresenta *de forma inteiramente diferente* daquela que os contemporâneos conseguiram enxergar.³⁷

O distanciamento temporal associado aos elementos que apresentamos anteriormente nos permite caminhar na direção de um projeto moderno de história para a obra barroseana, o que será discutido adiante.

episódios, sequências e configurações da narrativa no rumo do seu final”. (ARAÚJO, Ricardo Benzaquen de. *Ronda Noturna...*, Op. cit., p. 48)

³⁶ BARROSO, Gustavo. *Nos Bastidores da História do Brasil*, op. cit., p. 145.

³⁷ KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado*, op. cit., p. 290. (grifo do autor)

O encontro entre antigos e modernos

As reflexões empreendidas até aqui nos permitem verificar que, embora o autor se relacione de forma profundamente emotiva com o passado e, por essa razão, pareça se distanciar da objetividade científica, ele entremeia seus textos com citações vivazes sobre o recurso ao método crítico, o que parece indicar uma busca por conferir credibilidade e autoridade ao seu trabalho. Observamos em sua obra uma visão pedagógica da história, com a qual é possível aprender, mas não necessariamente pelo exemplo e pela possibilidade de repetição. Ao que parece, trata-se, sim, de uma história que, apesar de propor um apelo educativo, precisa aderir aos mesmos padrões de produção de seus contemporâneos.

Após a investigação permanece a dúvida de que a recorrência ao aspecto educativo da história não seria apenas um artifício retórico, mas encerraria também outras propostas que porventura teriam passado despercebido. Nesse caso, a *historia magistra vitae* seria apenas a repetição de um lugar comum ou indicaria um uso estruturante? Os pontos a que aludimos anteriormente não deixam dúvida de que é possível verificar tanto elementos de uma concepção antiga de história quanto de uma visão moderna, seja no que diz respeito à experiência individual do autor, seja na forma como trabalha o objeto e constrói a narrativa.

Quando investigamos os textos, percebemos que, apesar das incitações ao aspecto educativo da história, notadamente na composição de biografias, conhecidas por sua função exemplar, não há de fato uma efetividade do *topos*. Pois mesmo nesses casos verificamos procedimentos de crítica documental e individualização, característicos de um regime moderno de escrita.

Valdei Araújo, em seu estudo sobre a permanência da expressão *historia magistra vitae* no século XIX brasileiro,³⁸ empreende uma análise que pode ser útil para a compreensão de nosso objeto de estudo. Embora a reflexão proposta por Araújo diga respeito à experiência do século XIX, a forma como o autor conduz a investigação e a conclusão a que chega podem elucidar nossas indagações. O autor propõe dois usos para a expressão *historia magistra vitae*: o primeiro está relacionado a toda concepção de história que reivindica ensinar pela experiência e pela repetição; o outro, por sua vez, relaciona-se a toda história que reivindica ensinar e moralizar. O aspecto amplo da segunda concepção parece se aproximar daquilo que Barroso vinha propondo, ou seja, uma história que é fonte de ensinamento, com a qual é

³⁸ ARAÚJO, Valdei Lopes. *A experiência do tempo: conceitos e narrativas na formação nacional brasileira (1813-1845)*. 1. ed. São Paulo: Hucitec, 2008. v. 1. 180 p.

possível aprender, mesmo que não pela repetição. Dessa forma, o passado, para Barroso, ilumina o futuro, mas não o molda; o autor se mostra consciente de que o futuro é um tempo distinto, que pode ser construído, mas jamais repetido.

Por fim, a análise empreendida nos permite afirmar que a simples recorrência ao aspecto educativo da história não significa a vigência do antigo *topos* da *historia magistra* na obra barroseana, e tampouco a existência dessa experiência antiga de história, mas sim de que elementos dessa realidade continuam vigentes como fragmentos. Nesse caso, o caráter de ensinamento da história significaria menos um uso efetivo dos postulados do velho *topos* que uma estratégia retórica a conferir autoridade ao discurso. E, ainda, podemos afirmar que aspectos de um método moderno de investigação da história assinalam também a tentativa de alcançar credibilidade para a produção e, principalmente, a aceitação de um modelo que não parecia estranho ao autor, mas sim prática recorrente tanto em sua atividade quanto no convívio com os demais historiadores de seu contexto.

À guisa de conclusão, propomos que a vigência de diferentes concepções de história na obra barroseana não pode ser considerada um paradoxo, mas, antes, sugerimos que houve, de fato, a abertura de um espaço comum a partir da negociação entre diferentes temporalidades. Dessa forma, o antagonismo entre tais concepções se dissolveu no encontro entre antigos e modernos.